
Ministério feminino na igreja do evangelho quadrangular: Autonomia além do espaço religioso Notas de uma pesquisa*

*Claudirene Bandini***

Resumo:

O artigo sistematiza a história do movimento pentecostal brasileiro na marca particular da análise relacional de género e liderança. No estudo de caso da Igreja do Evangelho Quadrangular, a autora identifica o ministério feminino como um processo modernizador no qual algumas mulheres usam-no como facilitador de entrada em outros espaços sociais. Através da categoria género, o estudo identifica as relações sociais entre os sexos e (re) descobre situações atípicas que possibilitam novos processos sociais não limitados às mulheres.

Género enquanto categoria de análise em sociologia da religião

A religião sempre foi reconhecida como fonte de poder ou enfraquecimento pessoal e colectivo. Nos últimos anos a problemática de género instalou-se no campo académico com tamanha força que hoje é improvável que algum pesquisador social desenvolva uma pesquisa sem pelo menos margear esta questão (Bidegain 1996).

As pesquisas académicas têm aplicado, cada vez mais, género enquanto categoria analítica ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisas. Este artigo se propõe a sistematizar a história do movimento pentecostal brasileiro, através do estudo de caso da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), privilegiando o ministério feminino enquanto espaço social que propicia transformações. Nas palavras de Maria José Rosado: "*dadas certas circunstâncias, estes espaços podem funcionar como forças mobilizadoras, levando mulheres a resistir ao seu poder disciplinador*" (Rosado 2001:86). Primeiramente, faremos uma breve exposição de como a problemática de género tem sido abordada no âmbito da liderança feminina no pentecostalismo, uma vez que este segmento religioso se coloca como parte integrante de um processo modernizador no qual algumas mulheres usam-no como facilitador de entrada em novos espaços sociais.

No tocante ao ministério feminino, numerosos trabalhos são produzidos por teólogas, que em condição de porta-voz, utilizam a categoria género para questionar a própria estrutura do pensamento teológico e demonstrar o quanto a teologia é masculina¹. Tal análise é possível devido à proposta contida na análise relacional do género, pois é fundamental a "superação da lógica binária para que se construa um novo olhar aberto às diferenças" (Rago 1998:96).

É importante ressaltar que a abordagem teórico-metodológica de género recusa a ideia de homogeneidade das mulheres em relação à religião e exclui a hipótese de uma "religiosidade feminina inscrita em alguma parte na estrutura biopsíquica da mulher" (Rosado 2001:91). A categoria género nos permite além de interrogar do ponto de vista das relações sociais entre os sexos também (re) descobrir situações inéditas – atípicas - que possibilitem novos processos

* Este artigo é fruto da pesquisa piloto referente à pesquisa de doutorando sobre as mulheres pentecostais realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, Brasil; sob a orientação da Profª. Drª. Maria Aparecida de Moraes Silva. Seleccionado para apresentar no Vº Congresso Português de Sociologia realizado em Maio de 2004 em Portugal, estará disponível no site: <www.aps.pt>

** Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos.

¹Ver: Bingemer(1989); Rosado Nunes (1992,1994,2001); Tarducci (1994,2001); Bidegain (1996); Brunelli (2000); Freitas (2003); Riquelme Martinez (2003); Vieira Sampaio (2003); Gebara (1986,1989,1991).

sociais não limitados às mulheres. Assim, uma pesquisa em religião, que utiliza a categoria género como mediação epistemológica, deve se voltar para as práticas, discursos e representações religiosas, pois "o foco é a compreensão da maneira pela qual as actividades simbólicas 'parecem' escapar à diferenciação sexual" (ibid).

Neste artigo, partimos do princípio de que há formas diferenciadas de adesão, de desempenho e de vínculo de mulheres nas igrejas pentecostais. Muitas têm participado activamente do processo histórico deste grupo destacando-se como líderes missionárias e fundadoras de denominações que hoje se fazem notar na sociedade brasileira aquém do campo religioso. Visto que toda história está constituída de relações sociais e de poder (Saffioti 1987), utilizamos os estudos feministas que utilizam género enquanto categoria de análise. A seguir, faremos uma abordagem histórica do pentecostalismo, pois sem conhecer seu nascimento torna-se impossível compreender a dinâmica e a especificidade do grupo.

Surgimento do pentecostalismo no Brasil

A expressão "evangélico" se torna eficaz para produzir uma identidade religiosa a este grupo que se constitui de vários segmentos distintos entre si. Por ser uma categoria generalizante, o termo evangélico desconsidera as divergências e dissidências internas e agrega sob o único rótulo as denominações *protestantes* (históricos ou tradicionais: Igreja Batista, Metodista, Presbiteriana e "renovadas" -igrejas tradicionais acrescidas do termo "renovada" ou "restaurada"); os pentecostais (de carácter nacional- Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Igreja do Evangelho Quadrangular e "ministérios autónomos" de carácter regional ou local) e os *neopentecostais* (Igreja Universal do Reino Deus, Igreja Internacional da Graça). A expressão "protestante" é o uso mais técnico, e normalmente, aparece discriminando-se de outros grupos religiosos, mas popularmente é traduzido pelo termo *crente* num sentido generalizante.

O Pentecostalismo é uma religião nascida do protestantismo, no século XX que considera a crença nos dons do Espírito Santo como a crença maior em torno do qual giram as outras crenças e práticas religiosas. O nome pentecostalismo deriva de Pentecostes – festa religiosa dos judeus, dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos. O ponto de partida do movimento pentecostal deu-se em 1906, numa velha Igreja Metodista de Azusa Street, em Los Angeles, EUA. O líder, Willian Joseph Seymour, era filho de ex-escravos e autodidacta na leitura e escrita. Com isso, os negros transferiram a teologia, centrado na escrita, para a oralidade possibilitando uma maior compreensão e vivência religiosa àqueles que antes se sentiam à margem do ensinamento.

O começo do pentecostalismo no Brasil se deu na década de 1910, acompanhando as migrações brasileiras. Essa é a primeira das três ondas de periodização propostas por Paul Freston (1993) para se entender a implantação do pentecostalismo no Brasil. Na primeira onda, instalaram-se a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã. Na segunda, dos anos 50- 60, ocorre a fragmentação deste campo em três grandes grupos: Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. A terceira onda, dos anos 70, se fortalece nos anos 80 com a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus. Pesquisas demonstram que os grupos pentecostais da primeira e segunda onda não se estagnaram no tempo. Ao contrário, acompanharam e, em certa medida inovaram de acordo com o processo social.

Passos históricos da igreja do evangelho quadrangular

O nome Evangelho Quadrangular veio de uma revelação à fundadora da igreja, Aimee Semple McPherson, em 1922, enquanto pregava cada um dos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). *Church of The Four-Square Gospel* refere-se às quatro qualidades de Cristo: Salvador, Batizador no Espírito Santo, Médico e Rei. É a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher.

Aimee Semple McPherson nasceu no Canadá em 1890. Era da Igreja Metodista quando se converteu ao pentecostalismo. Um ano depois, aos 18 anos de idade, casou-se com Roberto

Semple. Em missões, ambos pegaram malária na China, e Roberto Semple morreu da doença. Com a filha, Aimee voltou para a América. Casou-se novamente com Harold McPherson que não gostava de missões. Aimee passou a dedicar-se à família até quando teve um sonho no qual o Senhor perguntou a ela: "Vai pregar agora ou não?" Ela respondeu: "Sim, vou pregar". E assim, Aimee começou seu ministério em 1915, contando então com 25 anos. Em 1922 já tinha um programa de rádio e em 1924 sua própria emissora. Seu público era mais da classe média baixa, diferente do público das missões pentecostais menores.

No Brasil a igreja chegou em 1946 com Hermínio Vasquez e Harold Edwin Williams. Em 1953, promovem uma campanha de curas chamada "Cruzada Nacional de Evangelização", e no ano seguinte Williams funda a Igreja da Cruzada, reestruturada em 1955 como a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Nos anos 80 já era uma das igrejas mais expressivas. Em 1988, a IEQ se torna independente de Los Angeles e adquire suas próprias editoras e gráfica e começa a produzir seu próprio jornal, "Voz Quadrangular" com distribuição nacional. Actualmente, a Quadrangular possui aproximadamente 23 mil pastores para seus 2 milhões de membros. Faz-se presente por todo o Brasil com mais de 10 mil igrejas; 554 programas de rádio; 234 institutos teológicos e cerca de 2 mil salões e tabernáculos. Uma característica da igreja é que 42% do seu ministério é constituído por mulheres. Há vários casos em que a pastora titular (tomadora de decisões) é a esposa e tem como pastor auxiliar seu marido. O fato de a denominação ter sido fundada por uma mulher fez com que as mulheres estivessem sempre presentes na liderança da igreja, embora às vezes de maneira desigual, mas também com que a igreja fosse menos repressora no tocante à roupa e aparência femininas em comparação as outras igrejas pentecostais.

A realidade do ministério pastoral feminino no contexto brasileiro

Implicações da IEQ na construção das relações de género

Quando revisitamos o passado, não somente recuperamos figuras femininas esquecidas como também entendemos os processos com os quais a história tradicional não tem se preocupado (SAUZANA 1996:71). A abertura ao exercício do pastorado feminino no pentecostalismo guarda relação directa entre a construção histórica deste grupo religioso e as alterações sociais ocorridas na trajetória cultural da categoria género. A contribuição desta categoria é nos permitir apontar a "necessidade da libertação dos conceitos abstractos e universais e a historicização dos conceitos e categorias construídos durante o próprio processo de pesquisa" (Matos 1998). Como nossa intenção é desnaturalizar a mulher circunscrevendo seu significado nas análises efectuadas e situando-a num contexto histórico preciso, levantamos alguns pontos de reflexão a fim de compreender o efectivo poder de decisão que possuem as pastoras pentecostais na Igreja do Evangelho Quadrangular.

O processo histórico da IEQ, como fora apresentado anteriormente, demonstra que as mulheres sempre foram cooperadoras e activas, indo além dos bancos da igreja. Para serem pastoras, elas precisam ter mais de 18 anos e cursado os institutos bíblicos da igreja não importando se estão em condição de 'sozinha' (viúvas ou solteiras), pois cada caso é analisado individualmente. Entretanto, o número de pastoras casadas é muito superior ao de solteiras, assim como o número de pastoras auxiliares - normalmente de seus maridos - ao de pastoras titulares.

O Grupo Missionário de Mulheres é o movimento mais forte e activo na denominação, pois ao realizarem tarefas como campanhas evangelistas, simultaneamente, trabalham para a expansão da denominação. Mas, por outro lado, é raro encontrarmos "pastoras itinerantes", e a principal justificativa da presença maciça dos homens neste sector, é que sendo a maioria das pastoras casadas e com filhos, elas não podem permanecer muito tempo em campanhas evangelistas; ou seja, longe da casa e da família.

Com a expansão da igreja, as mulheres perceberam a existência de alguns espaços na Igreja, nos quais elas ainda são minorias. Como por exemplo, de 13 directores do Conselho Estadual da IEQ, 2 são mulheres e no Conselho Nacional há 1 mulher de 5 directores homens. Apesar de ainda serem poucas, sua presença se faz sentir nos relatos de pastores e membros, nos

quais declaram que a partir do momento que as mulheres chegaram na directoria, perceberam algumas mudanças como, por exemplo, uma maior preocupação na escolha dos locais para as convenções da igreja; preparação de equipas para acompanharem as crianças das pastoras presentes e opções de lazer durante as convenções. *"Estas preocupações nunca existiram porque quase não havia mulheres presentes. Hoje elas vão e até levam os filhos"*, relata uma pastora titular.

"Na igreja é o marido que está na frente. Mas no momento que ele sai {morre}, se a esposa não é pastora, a igreja passa para outro mesmo que ela tenha feito tudo no ministério junto com o marido" E aí, ela vai viver como?" (Pra. Nilda:entrev.16/03/04).

Como foi dito anteriormente, são poucas as pastoras titulares na igreja. A maioria delas é pastora auxiliar do marido, e como, normalmente, não recebem nenhuma remuneração neste cargo, buscam outra actividade como fonte de renda. Desta forma elas acabam exercendo não uma jornada dupla de trabalho, mas uma carga tripla.

Para serem titulares, elas deverão ter uma igreja para administrar. Na concorrência pelo espaço elas acabam tornando-se concorrentes do próprio marido na disputa pela liderança de uma igreja. A justificativa de ficarem como auxiliar não está somente na esfera do privado - administração da casa e cuidados com os filhos - e sim da incapacidade da igreja de remunerar dois pastores, sendo que cada igreja é autónoma financeiramente. Consequentemente, o tempo restante torna-se insuficiente para que estas pastoras invistam nos estudos e na formação para obterem sua igreja própria.

Entretanto, nos últimos 10 anos tanto as pastoras quanto os pastores, despertaram para a necessidade dessas pastoras tornarem-se titulares. O principal motivo é a instabilidade financeira do pastor (marido). A igreja tem enfrentado muitos problemas com o envelhecimento de sua liderança, pois não há outra forma de sustento, já que dedicaram a vida toda ao ministério. O problema torna-se mais amplo quando somado aos casos de pastoras auxiliares que se tornam viúvas. Esta condição de sozinha e com filhos, é que tem despertado nas pastoras auxiliares a necessidade de serem reconhecidas financeiramente pelo trabalho desempenhado na igreja. A própria liderança reconhece o problema, e por isso as têm incentivado aos estudos para tornarem-se titulares.

O despertar dessas pastoras está directamente associado à busca de uma estabilidade financeira, uma vez que, o *status* religioso já estaria garantido na condição de pastora auxiliar. O interesse agora está na esfera económica e pessoal. No entanto, não podemos esquecer dos outros factores que influenciam directamente em todo intento por consolidar o *status* e a posição da mulher na sociedade: o índice de alfabetização feminina e diferença desse índice entre homens e mulheres, a taxa de participação da mulher no mercado de trabalho, a idade com que se casa, o número de filhos e a incidência deste estado civil. Todos estes factores estão directamente ligados à participação das pastoras na vida pública e política tanto da igreja quanto da sociedade. Apesar disso, mesmo em convenções de mulheres, os discursos das pastoras não passam pela ideologia feminista, de busca pelos direitos das mulheres no espaço religioso. O discurso permeia a prática quotidiana dessas pastoras que corresponde ao perfil mais amplo dos pentecostais: de pouca qualificação profissional e reduzida instrução. Assim, tais discursos enfatizam os factores que influenciam a vida quotidiana da mulher, enquanto liderança religiosa, na conquista de sua autonomia socioeconómica.

O despertar da liderança Quadrangular em incentivar o ministério feminino acaba exigindo uma igualdade de tratamento e de oportunidade entre homens e mulheres. Como resultado, trabalha-se uma 'cidadania pastoral' que visa superar a divisão e a subordinação entre homens e mulheres. Tal resultado é reflectido na comunidade porque se homogeneiza a esfera pública e privada da liderança. Deste processo deriva uma prática colectiva, que ao levar em consideração as condições materiais da pastora, simultaneamente questiona as circunstâncias sociais, económicas e políticas nas quais são desenvolvidos os estereótipos culturais que regem as qualidades, o potencial e a conduta adequada para a mulher.

Cada pessoa se identifica com um líder, depende dos dons que Deus dá a cada um. Então, tem mulheres que pregam muito melhor do que homens, mas isso não é porque ela é mulher. (Pra. Nilda,entrev.16/03/04)

A fala da pastora nos remete ao alerta de Saffioti (1987) de que a constituição dos sujeitos não se faz exclusivamente pelo género, mas também pela classe social e pelas várias subjectividades apresentadas juntamente à identidade de género. Assim, enquanto praticam a 'cidadania pastoral', estas pastoras ao mesmo tempo - e inconscientemente - apoiam a lógica reivindicativa e igualitária presente na ideologia feminista. Pois, expõem uma precariedade do igualitarismo quando apresentam a realidade socioeconómica a que estão inseridas.

A presença da mulher no alto escalão das denominações religiosas depende de circunstâncias muito complexas. Pois, se deve às construções de estereótipos culturais de género e de conduta própria da mulher que interagem com as estruturas religiosas, de maneira que, influem nas oportunidades de comandos destas mulheres. O certo é que as pastoras se encontram em uma posição única, determinada pela associação da maternidade, com a função da mulher na sociedade e com o status social e a auto-estima. "Enquanto em muitas sociedades, o matrimónio e a paternidade, são importantes indicadores de valor social e de auto-estima do homem, as mesmas actividades nunca se qualificam de carreiras alternativas como ocorrem no caso da mulher" (Moore 1996:135).

Quando estas mulheres lutam para se tornar pastoras titulares, elas não somente tratam a mulher enquanto indivíduo com valor, mas também expõem as relações hierarquizadas existentes no interior da denominação. Assim, quando valorizamos a experiência pessoal destas pastoras pentecostais sob a leitura de género, descobrimos as singularidades existentes no interior do social e rompemos com a produção de uma visão totalizadora da sociedade em relação à identidade feminina. Exemplo disto é que nem todas as pastoras assumem trabalhos aceites como tipicamente femininos; muitos casais de pastores são reconhecidos igualmente pela direcção da igreja; ganham o mesmo salário; possuem o mesmo direito de voto.

As pastoras auxiliares exercem a prática da "*ajuda*" ao marido porque além de serem donas de casa e pastoras, muitas têm desempenham outros trabalhos para complementar a renda da família. Está claro que o fato dessas pastoras serem ordenadas titulares da igreja contribui para sua transformação socioeconómica e contribui para a ampliação do espaço da mulher na igreja.

O pentecostalismo, principalmente a igreja aqui apresentada, permite a formação de uma identidade individual e colectiva de seus membros. A realidade destas pastoras expressa a luta pela sobrevivência social, cultural e económica, pois o espaço religioso não somente lhes permite novo status religioso como ascensão económica.

Considerações finais sobre perspectivas de género em religião

"As relações sociais que se tecem entre os sexos - relações de poder- dizem respeito a toda a sociedade e a todas as suas instituições, inclusive as religiosas" (Rosado 1992:116). Neste sentido, contamos com género como forma de ordenamento da interacção social, que nos permitirá responder algumas questões que ainda se fazem pendentes: Em que se diferencia a condição de pastora auxiliar (não remunerada) diante desta nova condição de pastora titular (remunerada)? Quais as vantagens e inconvenientes que ela identifica em ambas situações? Sendo reconhecidas economicamente pelo trabalho realizado como pastoras titulares essas mulheres aumentam seu grau de autodeterminação? Ser pastora titular muda sua posição de mulher dentro do lar? Estas e outras questões devem ser resolvidas num determinado contexto histórico e numa cultura específica que evitem as generalizações simplistas. Pois, a relação entre maior autonomia social e económica para a mulher é sempre uma questão complexa porque engloba classe e género.

Apesar do ausente discurso feminista, a participação das mulheres na estrutura eclesiástica do grupo pentecostal tem se mostrado mais efectivo que em outros grupos. Quando há diferenças entre os ministérios femininos pentecostais, estas diferenças devem ser analisadas

individualmente, pois vão depender do estilo de cada denominação, das condições biográficas de cada pastora, e das estruturas identificáveis com a sociedade² (Tarducci 2001:109).

O género, enquanto mediador da experiência religiosa, permite a compreensão das formas pelas quais homens e mulheres moldam sua experiência religiosa, pois há o esforço de reconhecer que mulher e homem "não constituem simples aglomerados, mas que elementos como cultura, classe, etnia, religião, devem ser mais ponderados e inter cruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera" (Matos 1998:74). Tal compreensão só é possível através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas.

Bibliografia:

- BIDEGAIN, Ana Maria. "*Género como categoria de análise na história das religiões*". In Mulheres: Autonomia e Controle Religioso na América Latina. Org. Ana Maria Bidegain. Ed. Vozes. Petrópolis. 1996: 13-28.
- MARIZ, Cecília & MACHADO, Maria das Dores. *Pentecostalismo e a redefinição do feminino*. Religião e sociedade, n. 17/1-2, Rio de Janeiro, ISER.1996.
- "mulheres e práticas religiosas nas classes populares". Revista Brasileira de Ciências Sociais. 12 (34). Anpocs. 1997.
- MATOS, M. Izilda S. "*Estudos de Género: Percursos e Possibilidades na Historiografia contemporânea*". Cadernos Pagu (11), Campinas. 1998: 67-75.
- MOORE, Henrietta L. "*Antropologia Y feminismo*" Ed. Cátedra. Universitat de València: Instituto de la mujer. Madri. 1996.
- RIQUELME MARTINEZ, Raquel C. *Pastorado feminino na Igreja metodista do Chile*. In Género e Teologia: Interpretações e Perspectivas. Ed. Paulinas; Soter; Loyola. São Paulo. 2003
- ROSADO NUNES, M.J.F. "*O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões*". Cadernos Pagu (16) 2001: 79-96.
- "*De mulheres e de deuses*". Estudos Feministas, vol.0, nº0, CIEC/ECO/UFRG,1992.
- SAUZANA, Elizabeth Salazar. "*Era uma vez... umas mulheres chamadas "canutas". A mulher no pentecostalismo chileno*". In Mulheres: Autonomia e Controle Religioso na América Latina. Org. Ana Maria Bidegain. Ed. Vozes. Petrópolis. 1996: 71-100.
- TARDUCCI, Mónica *Estudios Feministas De Religión: Una Mirada Muy Parcial*. Cadernos Pagu.org; Maria Lygia Quartim de Moraes. Nº16. 2001: p. 97-114

² É importante lembrar que o pentecostalismo é caracterizado pela grande diversidade de igrejas autónomas.